

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

THAÍS ALMADA SOLARO

**SEXUALIDADE E GÊNERO NA SALA DE AULA:
ABORDAGENS DIDÁTICAS E DISCUSSÕES**

PORTO ALEGRE

2015

THAÍS ALMADA SOLARO

**SEXUALIDADE E GÊNERO NA SALA DE AULA:
ABORDAGENS DIDÁTICAS E DISCUSSÕES**

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eunice Aita Isaia Kindel

PORTO ALEGRE

2015

Sumário

Resumo	4
Introdução	5
Metodologia	10
Resultados	12
Em que disciplinas o assunto Sexualidade deve ser abordado?	12
De que forma a temática Sexualidade e Gênero deve ser trabalhada na escola?	15
Quais assuntos devem ser trabalhos dentro da temática Sexualidade?	16
Qual a melhor forma de abordar a temática Sexualidade em sala de aula?	20
Existe machismo na nossa sociedade?	21
O que você acha de Homofobia?	24
Tolerância é diferente de Aceitação	27
De onde vêm as informações que chegam aos alunos?	28
Como a temática Sexualidade está sendo abordada nas escolas?	29
Discussão	35
Em que disciplinas o assunto Sexualidade deve ser abordado?	35
De que forma a temática Sexualidade e Gênero deve ser trabalhada na escola?	36
Quais assuntos devem ser trabalhos dentro da temática Sexualidade?	37
Qual a melhor forma de abordar a temática Sexualidade em sala de aula?	39
Existe machismo na nossa sociedade?	40
O que você acha de Homofobia?	45
Tolerância é diferente de Aceitação	43
De onde vêm as informações que chegam aos alunos?	44
Como a temática Sexualidade está sendo abordada nas escolas?	45
Conclusão	47
Referências Bibliográficas	49

Resumo

O cenário social em que estamos inseridos apresenta grandes contradições quanto a questões de sexualidade e gênero: por um lado, existem muitas pessoas com identidades sexuais diferentes do “heterossexual” e identidades de gênero diferentes do “masculino” e “feminino” que estão se expressando das mais diversas formas, e por outro lado os índices de violência e preconceitos com estes grupos são alarmantes. Da mesma forma, enquanto nos encontramos na chamada “era da informação”, com amplo acesso a conteúdos dos mais diversos, o número de adolescentes grávidas e pessoas com doenças sexualmente transmissíveis é alto e uma das causas disto é, justamente, a desinformação. Sendo a escola um local ideal para discussões destes assuntos, o presente trabalho tem como foco as abordagens de sexualidade e gênero na escola, tendo como objetivo analisar a forma como estas abordagens estão sendo desenvolvidas e quais as demandas dos alunos em relação a estes temas. O trabalho foi realizado em três escolas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foram coletados dados através de questionários, respondidos pelos alunos do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental e professores dos mesmos. Os dados foram tabulados e analisados de forma qualitativa, proporcionando um entendimento da realidade dos sujeitos pesquisados. Foi possível perceber a importância de trabalhar estes temas com os adolescentes que têm ainda muitas dúvidas e ansiedades sobre estes assuntos e a necessidade de investir no preparo dos educadores e em projetos escolares envolvendo os professores e as famílias dos jovens, para permitir que esta temática seja trabalhada da melhor forma possível junto aos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Sexualidade e Gênero; Sala de Aula; Adolescentes.

Introdução

A adolescência é uma época de enormes mudanças físicas, como o amadurecimento de características sexuais, alterações nos níveis hormonais e crescimento acentuado. Há evidências consideráveis de que as crianças estão entrando na puberdade mais cedo que em gerações anteriores, e estudos feitos em 2001 nos Estados Unidos mostraram que a idade média de início da menstruação é de 12,5 anos atualmente (HARGREAVES et al., 2001). Com as mudanças hormonais que acontecem na puberdade, a sexualidade assume o primeiro plano na vida e comportamento dos adolescentes, tomando o caráter de urgência e tornando-se o centro das atenções (BRASIL, 1998). Podemos entender a sexualidade, de forma mais ampla, como expressão cultural, influenciando pensamentos, sentimentos, ações e interações, além da saúde física e mental (BRASIL, 1998).

A heterossexualidade é considerada universal e normal, e supõe-se que todas as pessoas tenham, como objeto de desejo, alguém do sexo oposto. Assim, pessoas que fogem a esta premissa são consideradas como antinaturais, peculiares ou, ainda, anormais (LOURO, 2000). Seffner (2013) define isto como heteronormatividade: não uma norma escrita, mas pressuposta, que define espaços de conhecimento, saberes, costumes, tradições, modos “corretos” de fazer as coisas e indivíduos que são aceitos dentro da nossa sociedade. Isso corrobora com o que diz Louro (2000): que a identidade de gênero é considerada como algo essencial do ser humano e a admissão de uma outra identidade sexual ou identidade de gênero é considerada, então, uma alteração essencial, que modifica a “essência” do sujeito.

Em contrapartida, existe também na nossa sociedade uma linha, como aponta Seffner (2013) que considera a diversidade étnica, cultural, religiosa, de gênero e outras como um elemento positivo, que vem a enriquecer a sociedade e, seguindo este pressuposto, quanto maior a expressão de diversidade e *o respeito a ela*, maior é a riqueza da sociedade. É interessante problematizar aqui a questão do respeito: como o próprio autor diz, a sociedade permite que os sujeitos sejam do jeito que quiserem desde que fiquem “no seu lugar” e não modifiquem a hierarquia. Isso se tornou bem visível em setembro deste ano, em que a Câmara dos Deputados aprovou um projeto intitulado Estatuto da Família, que define “família” como união entre homem e mulher por meio de casamento ou união estável, ou ainda algum dos pais junto com os filhos. O texto

fala sobre os direitos das famílias e as políticas públicas de saúde, segurança e educação voltadas para esta “família” e assegura que estas não sofram violência. No momento em que não inclui outras configurações de família, o projeto de lei 6583 – 2013 de Anderson Ferreira¹ não permite que estes outros arranjos familiares tenham seus direitos assegurados e nem políticas públicas voltadas para si. Ainda, não garante que estas famílias vivam em ambiente seguro, sem violência. Segundo reportagem do G1 do dia 29 de novembro deste ano, deputados contrários ao texto se manifestaram afirmando que o projeto “institucionaliza o preconceito e a discriminação”, palavras da deputada Érika Kokay, e que o relatório possuía apenas argumentos religiosos, reforçando que o texto representa um retrocesso para nossa sociedade pois exclui (no momento em que não menciona estes diferentes arranjos familiares), pune e discrimina famílias homoafetivas, estimulando a intolerância da sociedade com estes grupos (ALEGRETTO; OLIVEIRA, 2015). É frequente discursos religiosos vincularem visibilidade da diversidade com corrupção de costumes. Muitas lideranças que emitem estes discursos afirmam que se as pessoas tiverem direito de manifestar preferências de gênero e sexualidade que não estejam de acordo com a norma heterossexual, a nossa sociedade será “contaminada” e caminhará para o caos (SEFFNER, 2013).

Em junho deste ano os vereadores de Porto Alegre aprovaram o Plano Municipal de Educação (PME), instrumento que estabelece as diretrizes para os próximos dez anos na rede escolar da cidade. O texto aprovado exclui todas as menções a “gênero”, “identidade de gênero”, “sexualidade”, “orientação sexual” e “diversidade sexual” e a votação retirou do Plano emendas que objetivavam o combate à intolerância e ao preconceito a orientação sexual, escolhas religiosas, machismo, racismo e discriminação contra pessoas LGBT. Segundo reportagem do Sul21 (25 de junho deste ano), diversos militantes dos direitos LGBTs se manifestaram defendendo a inclusão do combate a discriminação no Plano, com cartazes como “respeito também se ensina na escola” e gritos de “família unida combate a homofobia”. Enquanto isso, vereadores e manifestantes favoráveis ao Plano diziam que crianças do ensino básico são muito novas para discutir gênero e sexualidade, e que a orientação sexual é tarefa da família e não da escola, chegando ao ponto de dizer que as crianças seriam “desorientadas de forma obrigatória” (“*Em sessão tensa, vereadores aprovam retirada de questões de gênero e sexualidade do PME*”. Sul21, 2015).

¹ Projeto de Lei 6583/2013. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=59700>

Conforme observa Louro (1997), é necessário entender que o gênero é constituinte das identidades dos sujeitos e essas são plurais, múltiplas, se transformam e podem até mesmo ser contraditórias. Segundo a autora, dentro das identidades dos sujeitos estão as identidades sexuais, forma como os mesmos vivem sua sexualidade, com pessoas do mesmo sexo, sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros e as identidades de gênero, identificação social e histórica, tradicionalmente definidas como masculino ou feminino. Ainda segundo Louro, é necessário observar que estas identidades são construídas e que são instáveis, ou seja, passíveis de transformação. Louro discute ainda os pontos trazidos por Joan Scott, que observa na sociedade um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros com o masculino e o feminino sendo polos opostos e a necessidade de desconstrução desta visão binária de gênero, problematizando a constituição de cada um dos polos e mostrando que, na verdade, são plurais, fraturados e divididos internamente. Dividir os gêneros em masculino e feminino ignora todos os sujeitos que não se encaixam nestas duas categorias e existem inúmeras variações dentro do “masculino” e “feminino” que estariam sendo negadas.

Para desconstruir esta dicotomia observada por Scott, é essencial que exista, ainda na educação básica, espaços para discussão e problematização desta lógica binária. Conforme preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1998), o educador tem o papel de problematizador e orientador do debate para permitir que os adolescentes reflitam e tomem decisões sobre sua sexualidade, conforme seus valores e dentro de uma sociedade que aceita a diversidade.

Observamos, por um lado, um grande avanço nas questões de gênero na sociedade, em que cada vez mais pessoas aceitam os sujeitos com diferentes identidades, tanto de gênero quanto sexuais, há cada vez mais militância em favor dos direitos LGBTs e os sujeitos se sentem cada vez mais livres para exporem suas reais identidades em público. Em contrapartida, os índices de violência contra estes grupos seguem alarmantes (somente em 2012 foram registradas 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT no poder público. É importante salientar que este dado nos mostra apenas as denúncias que chegaram ao conhecimento do poder público, sem contar os milhares de casos que não são denunciados²), a Câmara dos Deputados estabelece um Estatuto da Família que exclui outras formas de relacionamento que não heterossexuais e o Plano Municipal de Educação de Porto

Alegre decide que essa amplitude de questões sobre gênero e sexualidade não serão discutidas na escola.

Falar sobre sexualidade, ainda nos dias de hoje, é considerado um tabu na nossa sociedade. Muitas famílias não conversam sobre este assunto em casa com os filhos, por terem vergonha, medo, ou achar que falar sobre isso vai estimular os filhos a iniciarem a vida sexual precocemente. Entretanto, ao contrário do que se acreditava, atualmente muitos pais reivindicam orientação sexual nas escolas, pois reconhecem a importância da mesma para seus filhos já que muitos não conseguem falar abertamente sobre o assunto em casa. As escolas, na maioria das vezes, trabalham assuntos como aparelho reprodutivo, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, focando na anatomia e na fisiologia do corpo humano. Essa forma de abordagem não contempla as ansiedades e curiosidades das crianças e adolescentes, pois não inclui a dimensão mais ampla da sexualidade (BRASIL, 1998). As questões sobre o respeito ao corpo, respeito ao outro e envolvimento em relacionamentos acaba sendo aprendida – ou não – na prática.

Um estudo realizado em Minas Gerais por Rocha, Faria e Myotin (2007) evidenciou a dificuldade que a escola apresenta em dialogar sobre o corpo com os adolescentes, pois a atual abordagem realizada na escola não corresponde às necessidades dos estudantes. Bastien (1998 apud BRITZMAN, 2000 p.83) afirma que, devido ao ensino estar ligado a alguma forma de avaliação, os alunos não conseguem se envolver em um diálogo franco com o professor quando o assunto é sexualidade. Britzman (2000) argumenta que abordagens tais como o uso de testemunhos, teatro e discussões do tipo mesa-redonda mostraram-se mais eficazes para mostrar aos alunos a relevância deste conhecimento para suas vidas.

Um trabalho de Orientação Sexual adequado deve englobar relações de gênero, respeito a si e aos outros, diversidade de crenças, valores e expressões culturais da nossa sociedade. Deve incluir a importância da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, e tem, como objetivo, a superação de tabus e eliminação de preconceitos (BRASIL, 1998). Compartilho do pensamento de Furlani (2013) ao apontar que o principal papel da educação sexual é, em primeiro lugar, desestabilizar as “verdades únicas” da nossa sociedade, ou seja, deve ter como objetivo desconstruir tabus e preconceitos através de diálogos e debates.

A escola pode assumir papel de extrema importância no ensino desta temática, canalizando a energia dos adolescentes para produzir conhecimento, respeito a si próprio e aos outros, e coletividade (BRASIL, 1998). Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (op.cit) os professores precisam mostrar aos alunos que estão disponíveis para conversar sobre os diferentes temas e que esclarecerão as questões de forma direta. O esclarecimento de dúvidas do aluno mostra-se fundamental para o bem-estar e tranquilidade do mesmo, além de aumentar a consciência sobre seu próprio corpo e sua autoestima, possibilitando melhores condições para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual. É importante que a escola possa problematizar e debater tabus, preconceitos, crenças e diferentes atitudes da sociedade, procurando sempre o maior distanciamento possível das opiniões e aspectos pessoais da equipe pedagógica.

Ao longo do meu Estágio de Docência em Ciências alguns alunos me fizeram perguntas sobre sexualidade, sobre gravidez na adolescência e métodos contraceptivos. Conversando com a professora de Português, descobri que os alunos tinham muitas dúvidas sobre o assunto e então decidimos realizar uma intervenção sobre o tema. Percebi que as questões de sexualidade e gênero não eram trabalhadas devidamente em casa - e talvez nem na escola, e que talvez algumas informações que nos parecem óbvias, às vezes, não chegam aos adolescentes. Sabe-se que intervenções mais eficazes na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada ocorrem de forma continuada e devido ao tempo de permanência dos jovens na escola é possível dizermos que é o local ideal para que aconteçam abordagens mais consistentes sobre esses assuntos (BRASIL, 1998).

Sendo a temática um tabu, reconheço que professores podem ter muitas dúvidas sobre como abordar o tema sem constrangimentos. Neste contexto, busquei em meu Trabalho de Conclusão de Curso investigar e questionar diferentes abordagens didáticas e discussões acerca do tema Sexualidade na sala de aula. Meu objetivo foi analisar como a sexualidade e o gênero estão sendo trabalhados na escola e quais são as demandas dos alunos em relação a estas temáticas. Além disso, pretendia elaborar para os/as professores/as um material no qual se basear levando em conta diferentes métodos de trabalhar este conteúdo com os alunos, confrontando seus pontos positivos e negativos.

Metodologia

Planejamos desenvolver o trabalho em duas fases: a primeira consistiu em uma pesquisa qualitativa cuja fonte direta de dados é o ambiente natural e o pesquisador é o principal instrumento de pesquisa. Os dados são principalmente descritivos, o processo importa mais do que o produto, o foco de atenção do pesquisador é o significado que o sujeito dá a determinada coisa, e a análise dos dados segue um processo indutivo (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Conforme a classificação de Ludke e André (1986), o trabalho realizado foi um estudo de caso, tipo de pesquisa que busca retratar a realidade, de forma completa e profunda, e busca revelar a multiplicidade de dimensões presentes nos sujeitos do estudo. Além disso, os autores enfatizam que, para compreensão dos resultados, é necessária uma interpretação em contexto, relacionando as situações que aparecem com a realidade em que ocorrem. Esta modalidade de pesquisa é desenvolvida a partir de uma primeira exploração da situação, seguida por uma coleta de dados sistemática e por fim análise e interpretação dos dados coletados, resultando na elaboração de um relatório.

Um dos instrumentos utilizado para coleta de dados neste tipo de pesquisa é a entrevista, interessante pois estabelece uma interação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, ao contrário de alguns métodos que estabelecem uma relação hierárquica entre os dois (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Decidimos, entretanto, substituir a entrevista por questionário por ser um instrumento que garante mais tranquilidade ao sujeito pesquisado, uma vez que é respondido de forma anônima e garante um certo distanciamento entre pesquisador e sujeito pesquisado. O questionário, como define Gil (1999, p.128-129 apud CHAER et al., 2011, p.260) é uma técnica de investigação com um número razoável de questões que objetiva conhecer opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, vivências e outros. Além disso, é um método de pesquisa de baixo custo, garante o anonimato dos sujeitos que o respondem e tem predominantemente questões objetivas, de fácil resposta e padronização. Em contrapartida, pode ter itens polarizados ou ambíguos, fica inviável esclarecer dúvidas em relação às respostas e é difícil pontuar questões abertas, o que demanda bastante atenção durante sua formulação.

Cientes dos prós e contras, optamos por um questionário com a maior parte de questões objetivas, que apesar de limitarem a resposta dos sujeitos, permitem tabulação e padronização das respostas, facilitando as análises. Acrescentamos também algumas perguntas abertas que permitem que o sujeito escreva o que lhe vier a mente, não havendo influência de respostas estabelecidas anteriormente pelo pesquisador, mas que dificulta um pouco para o sujeito que responde o questionário, pois precisa construir um raciocínio ao responder (CHAER et al., 2011) e também para o pesquisador, pois torna mais difícil estabelecer padrões entre as diversas respostas obtidas.

Elaboramos dois questionários: um deles respondido por alunos do nono ano do Ensino Fundamental com perguntas sobre o conhecimento dos mesmos a respeito de sexualidade, abordando temas como opção sexual, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, respeito ao corpo e preconceitos. O outro questionário foi aplicado a professores de diferentes áreas/disciplinas sobre como o assunto é trazido para a sala de aula, a metodologia de trabalho e quais são os resultados, esperados e obtidos, deste trabalho. Os questionários são apresentados ao final (Apêndices A e B).

Decidimos aplicar os questionários a alunos e professores do nono ano (exceto na escola privada, em que ainda não existia o nono ano, então os alunos do oitavo ano responderam o questionário), em escolas públicas (federal, estadual e municipal) e escola privada, para que pudéssemos ter uma amostra mais representativa do universo escolar. Porém, devido a questões burocráticas que demandam bastante tempo, optamos por abrir mão da escola municipal. As escolas foram escolhidas por facilidade de acesso pela pesquisadora ou por algum tipo de vínculo já estabelecido. Todos os sujeitos que responderam o questionário assinaram um Termo de Consentimento Informado (Anexos 1 e 2) para participar da pesquisa (nos casos de menores de 18 anos, o Consentimento foi assinado também pelos pais ou responsáveis) e os questionários foram todos respondidos de forma anônima.

Realizei quatro visitas na escola privada, três na escola pública estadual e duas na escola pública federal. Ao todo, 24 alunos responderam ao questionário e 17 professores, sendo que uma professora leciona duas disciplinas, uma professora é responsável pelo Serviço de Orientação Educacional (SOE) e outra professora é também diretora da escola. Foram consultados 4 professores de ciências, 4 professores de língua estrangeira, 2 professores de português, 2 professores de matemática, e apenas um professor de cada uma das seguintes disciplinas: história, geografia, educação física, ensino religioso, música e orientação educacional.

A partir dos questionários seria possível perceber se existe uma diferença entre quais informações os professores acham importante passar aos alunos e quais são as demandas dos alunos em relação a esta temática. Seria possível também verificar quais são as fontes principais de informação para os alunos, tornando possível então traçar um perfil do conhecimento dos adolescentes sobre o tema e de onde este conhecimento surge.

Conforme observam Ludke e André (1986), após a coleta de dados faz-se uma classificação e organização dos dados, onde o pesquisador lê e relê o material coletado, e em seguida realiza uma teorização sobre os resultados obtidos. Com este objetivo, as respostas dos questionários foram colocadas em tabelas para facilitar a visualização e análise. Especialmente em uma pesquisa qualitativa, é necessário um julgamento cuidadoso ao analisar os dados e tentar detectar padrões, temas e categorias, e distinguir o que é relevante e significativo nos resultados (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

A segunda fase seria, então, a busca na literatura por metodologias para trabalhar o tema, e os prós e contras destas metodologias sob diferentes aspectos. A partir desta análise, pretendia elaborar, ao final do trabalho, um material no formato de apostila ou de manual de apoio no qual os professores pudessem se basear durante o ensino da sexualidade nas escolas, escolhendo a metodologia que mais o agrada, conhecendo as vantagens e desvantagens do método escolhido. Porém, ao longo do trabalho, percebemos que esta não é uma demanda imediata, uma vez que a maior parte dos professores disse que a Cartilha auxiliaria apenas um pouco no seu trabalho em sala de aula.

Resultados

Para melhor compreensão e análise das respostas, os dados foram agrupados de acordo com os assuntos que tratam. Seguem abaixo:

Em que disciplinas o assunto Sexualidade deve ser abordado?

- 1) Nos Parâmetros Curriculares Nacionais é sugerido que a temática da **Sexualidade** seja trabalhada como um tema transversal. Diante disso, em qual/quais disciplina/disciplinas você acha que esta temática deve ser abordada?

Alunos

Tabela 1: Entendimento de tema transversal - Alunos

Alunos	Entendimento da sexualidade como tema transversal	
	Sim	Não
1	X	
2	X	
3	X	
4	X	
5	X	
6	X	
7		X
8	X	
9	X	
10		X
11	X	
12		X
13		X
14	X	
15		X
16	X	
17		X
18		X
19	X	
20		X
21		X
22	X	
23	X	
24		X
TOTAL	14	10

Tabela 2: Disciplinas para trabalhar sexualidade - Alunos

	Português	Matemática	História	Geografia	Educação Física	Ciências	Educação Artística	Ensino Religioso	Lingua estrangeira	Outra
1	X		X							
2	X	X					X			
3	X		X			X				
4			X		X	X		X		
5			X			X		X		
6	X		X			X				
7						X				
8			X			X				
9	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
10										Sociologia
11	X	X	X		X					
12						X				
13						X				
14			X				X	X		
15			X							
16						X	X			
17						X				
18						X				
19	X				X	X		X		
20						X				
21						X				
22	X					X	X			
23			X	X						sociologia
24						X				
Total	8	3	11	2	4	17	5	5	1	2

A maior parte dos alunos entende que o conceito de “tema transversal” significa que o tema deve ser trabalhado em mais de uma disciplina. Quatro alunos marcaram 2 disciplinas, seis alunos marcaram 3 disciplinas, três alunos marcaram 4 disciplinas e apenas um aluno marcou todas as disciplinas. A disciplina de Ciências foi a mais votada com 17 indicações, seguida por História, com 11.

Professores

Tabela 3: Entendimento de tema transversal - Professores

Entendimento da sexualidade como tema transversal		
Professores	Sim	Não
1	X	
2	X	
3	X	
4	X	
5	X	
6	X	
7	X	
8	X	
9	X	
10	X	
11	X	
12	X	
13	X	
14	X	
15	X	
16	X	
17	X	
TOTAL	17	0

Tabela 4: Disciplinas para trabalhar sexualidade - Professores

	Português	Matemática	História	Geografia	Educação física	Ciências	Educação artística	Ensino religioso	Língua estrangeira	Outra
1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
3			X		X	X	X	X		
4	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
5			X		X	X		X		
6	X		X		X	X		X		
7	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
8	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
9	X	X	X	X	X	X	X	X	X	SOE
10	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
11					X	X		X		
12	X	X	X		X	X	X	X		
13	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
14	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
15	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
16	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
17	X	X	X	X	X	X	X	X	X	TODOS
T	14	13	16	12	17	17	14	17	12	1 SOE, 11 TODOS

Todos os professores entendem o significado de “tema transversal” como sendo uma temática a ser trabalhada em mais de uma disciplina. Onze professores marcaram que todas as disciplinas devem trabalhar esta temática, e todos os professores indicaram que este tema deve ser trabalho em Ciências, Educação Física e Ensino Religioso. A disciplina de História teve 16 indicações, e Português e Educação Artística tiveram 14 indicações. Treze professores indicaram matemática, e Geografia e Língua Estrangeira tiveram 12 indicações. Apenas uma professora indicou o SOE para trabalhar esta temática junto às outras disciplinas.

De que forma a temática Sexualidade e Gênero deve ser trabalhada na escola?

2) De que forma(s) você acha que esta temática deve ser trabalhada na escola:

Alunos

Tabela 5: Formas de trabalhar a sexualidade - Alunos

Alunos	Sala de aula	Palestras com professores	Palestras com convidados	Oficinas	Rodas de bate -papo	Trabalhos de pesquisa	Outros
1	X	X	X				
2	X		X		X	X	
3	X	X	X				
4	X		X				
5	X	X	X			X	
6	X	X	X		X		
7	X		X				
8	X						
9	X						
10	X	X			X		pais
11	X						
12	X	X	X		X		
13	X		X	X	X		
14					X		
15					X		
16	X	X	X	X	X		
17	X						
18	X	X			X		
19	X	X	X		X	X	
20	X				X		
21	X				X		
22		X	X		X		
23	X	X	X		X	X	
24	20	12	13	2	14	4	1

Quando perguntados sobre a(s) forma(s) que eles achavam melhor para trabalhar esta temática na escola, a mais indicada foi dentro da sala de aula, com 20 votos, seguida por rodas de bate papo, com 14 votos. Palestras também tiveram bastante indicações, sendo 13 votos para palestras com convidados e 12 para palestras com professores. Trabalhos de pesquisa tiveram 4 indicações, e oficinas apenas 2. Um(a) aluno(a) citou os pais como forma de trabalhar esta temática.

Professores

Tabela 6: Formas de trabalhar a temática - Professores

Professores	Sala de aula	Palestras com professores	Palestras com convidados	Oficinas	Rodas de bate -papo	Trabalhos de pesquisa	Outros
1	X	X	X	X		X	
2	X	X	X	X	X	X	
3	X		X		X		
4	X	X	X	X	X	X	
5	X	X	X	X	X	X	
6	X		X	X	X		
7	X	X	X	X	X	X	X
8	X	X	X	X	X	X	
9	X	X	X	X	X	X	X
10	X	X	X	X	X	X	
11	X		X	X	X		
12	X	X	X	X	X	X	
13	X		X	X	X		
14	X	X	X	X	X	X	
15	X	X	X	X	X	X	

16	X	X	X	X	X	X	Se necessário, num atendimento individual, se o adolescente ou a criança necessitar
17	17	13	17	15	16	13	3

Na questão que perguntava sobre a melhor forma de abordar este assunto na escola, todos os professores indicaram sala de aula e palestras com convidados como as melhores formas. Dezesesseis professores indicaram rodas de bate-papo, e 15 indicaram oficinas. Palestras com professores e trabalhos e pesquisa receberam 13 votos cada. No campo “outros”, saídas de campo e trabalhos com família foram citados por um professor. Uma professora citou atividades extracurriculares, saídas de campo e videoconferências, e outra professora citou atendimento individual se a criança ou adolescente necessitar.

Quais assuntos devem ser trabalhos dentro da temática Sexualidade?

3) Quais assuntos você acha que devem ser trabalhos dentro desta temática:

Alunos

Tabela 7: Assuntos a trabalhar - Alunos

Alunos	Contraceção	Respeito ao corpo	Respeito à mulher	Uso de drogas	Gravidez na adolescência	Identidade de gênero	Preconceitos	Homossexualidade	Bissexualidade	Abuso Sexual	
1			X	X	X		X	X	X	X	
2	X	X			X		X	X	X	X	
3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
4		X	X		X		X	X	X		
5			X	X	X	X	X	X	X		
6	X	X	X	X	X	X	X				
7		X	X	X	X		X	X	X	X	
8											
9	X	X	X	X	X	X	X	X		X	
10		X	X		X		X	X		X	
11			X				X			X	
12	X		X		X			X	X	X	
13			X		X	X	X				
14											
15											
16		X	X	X	X	X	X	X	X	X	
17											
18	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
19	X		X	X	X		X			X	
20			X		X	X	X	X	X	X	
21			X	X	X		X				
22		X	X	X	X	X	X	X		X	
23	X	X			X			X	X	X	
24	8	11	17	11	18	9	17	14	11	14	
Alunos	Abuso Sexual	Aborto	DSTs	Ciclo menstrual	Relacionamentos	Relacionamentos abusivos	Machismo	Feminismo	Adolescência	Mudanças no corpo	Outros
1	X				X	X	X	X	X	X	
2	X	X			X		X	X			X
3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
4							X				
5			X		X		X				
6		X	X				X				
7	X	X			X		X		X		
8									X	X	
9	X	X	X		X	X	X	X	X	X	

10	X	X	X				X			X	
11	X						X	X			
12	X	X	X	X	X	X			X	X	
13		X	X	X	X		X		X	X	
14							X				
15							X	X		X	
16	X	X	X		X	X	X	X	X		
17			X							X	
18	X	X	X		X	X	X	X	X	X	
19	X	X	X			X	X	X	X	X	
20	X	X					X				
21					X		X	X			
22	X	X	X			X	X	X			
23	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
24	14	14	13	4	12	9	21	13	11	13	0

Ao serem questionados sobre quais assuntos devem ser trabalhados dentro desta temática, o assunto mais votado foi machismo, com 21 indicações, seguido por gravidez na adolescência com 18 indicações, e respeito a mulher e preconceitos com 17 votos. Aborto, abuso sexual e homossexualidade tiveram 14 votos. Gravidez, DSTs, feminismo e mudanças no corpo tiveram 13 votos, seguidos por relacionamentos (12 indicações), respeito ao corpo, uso de drogas, bissexualidade e adolescência (11 votos). Identidade de gênero e relacionamentos abusivos receberam 9 votos, e contracepção 8. Ciclo menstrual recebeu apenas 4 indicações.

Professores

Tabela 8: Assuntos a trabalhar - Professores

Professores	Gravidez	Contracepção	Respeito ao corpo	Respeito à mulher	Uso de drogas	Gravidez na adolescência	Identidade de gênero	Preconceitos	Homossexualidade	Bissexualidade	Abuso Sexual
1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
3	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
4	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
5	X	X	X	X	X	X	X				
6	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
7	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
8	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
9	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
10	X	X	X		X	X		X			
11		X	X	X		X	X	X	X	X	X
12	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
13	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
14	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
15	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
16	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
17	15	15	16	16	14	15	16	16	15	15	15

Professores	Aborto	DSTs	Ciclo menstrual	Relacionamentos	Relacionamentos abusivos	Machismo	Feminismo	Adolescência	Mudanças no corpo	Outros
1	x		x			x	X		X	
2	x	x	x	x	x	x	X	X	X	
3	x	x		x		x	X			
4	x	x	x	x	x	x	X	X	X	
5		x	x			x	X		X	
6	x	x		x	x	x	X		X	
7	x	x	x	x	x	x	X	X	X	
8	x	x	x	x	x	x	X	X	X	x
9	x	x	x	x	x	x	X	X	X	x
10		x	x					X	X	x
11	x	x						X	X	
12	x	x	x	x	x	x	X	X	X	
13	x	x	x	x	x	x	X	X	X	
14	x	x	x	x	x	x	X	X	X	
15	x	x	x	x	x	x	X	X	X	

16	x	x	x	x	x	x	X	X	X	Vai depender da idade
17	15	16	13	13	12	15	15	13	16	3

Na parte em que questionamos quais assuntos os professores acham que devem ser trabalhados dentro desta temática, respeito ao corpo, respeito à mulher, identidade de gênero, preconceitos, DSTs e mudanças no corpo foram os assuntos mais indicados, com 16 votos cada. Gravidez, contracepção, gravidez na adolescência, homossexualidade, bissexualidade, abuso sexual, aborto, machismo e feminismo receberam 15 indicações cada um. Uso de drogas recebeu 14 indicações, enquanto ciclo menstrual, relacionamentos, e adolescência receberam 13. Doze professores acharam importante falar sobre relacionamentos abusivos, assunto que obteve menos indicações. No campo “outros”, um professor citou transgêneros, concepção de prazer, alteridade (cuidado com o outro) e intimidade. Uma professora citou comportamento, personalidade, e pressão social-sociedade. Outra professora utilizou este campo para dizer que os assuntos a serem trabalhados dependerão da idade do grupo.

4) Qual seria o enfoque que você acha que deveria ser dado dentro desta temática?

Quando questionados sobre o enfoque que deveria ser dado dentro desta temática, os alunos responderam da seguinte forma:

Doenças sexualmente transmissíveis

“Sobre Aids e outros tipos de doenças na sexualidade”

“As doenças sexualmente transmissíveis e mudanças no corpo”

“Como se proteger, o que devemos fazer e o que não devemos fazer”

Abuso Sexual e Aborto

“Abuso, Aborto”

“Acredito que deveria ser dado com mais foco a questão do Abuso sexual.”

Adolescência e gravidez

“Sobre a maturidade e a hora certa de se relacionar sexualmente”

“Adolescência.”

“A gravidez na adolescência.”

“Contracepção”

Preconceitos

“PRECONCEITOS”

“PRECONCEITOS”

“O modo de como as pessoas tratam as pessoas de outros gêneros.”

“Bissexualidade e Machismo”

“Preconceitos, machismo e uso de drogas”

“Eu acho que deveria ser trabalhado a questão do preconceito e comportamentos.”

“sobre o respeito do corpo e da mulher machismo, gravidez na adolescência, preconceito”

Respostas mais gerais

“deveria falar de fatos reais”

“Falar um pouco desta temática em algumas disciplinas pra poder orientar e tirar dúvidas.”

“Acho que deviam ser mais falada em sala de aula, onde devemos focar mais nesse assunto, que é bem importante.”

“Na minha opinião esta temática em si deveria ser estudada profundamente na sala de aula”

“Não focaria pois tudo dessa temática é interessante”

“o aborto, uso de drogas, e a gravidez e diferentes partes da vida, tudo no geral.”

“acho que pode ser de tudo um pouco, esse é um assunto bem debatido.”

“o aborto, uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência”

Qual a melhor forma de abordar a temática Sexualidade em sala de aula?

6) Leia as duas caixas abaixo:

Abordagem 1

Professor inicia a temática Sexualidade em sala de aula falando sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis, leva fotos de órgãos lesionados e procura chocar os alunos, pois para ele esta é a melhor forma de os adolescentes aprenderem a se prevenir.

Abordagem 2

Professor inicia a temática Sexualidade em sala de aula propondo uma “caixa de dúvidas”, anônima, na qual os alunos colocam suas perguntas sobre o tema. Professor utiliza as perguntas para guiar sua aula, esclarecendo todas as dúvidas dos alunos sobre os diferentes assuntos dentro desta temática.

Qual das duas abordagens acima você acha melhor?

Tabela 9: Melhor abordagem para o tema - Alunos

Alunos	Abordagem 1	Abordagem 2
	X	
1		X
2		X
3		X
4	X	
5		X
6		X
7		X
8	X	
9		X
10		X
11		X
12		X
13		X
14		X
15		X
16	X	
17		X
18		X
19		X
20		X
21		X
22		X
23		X
24	4	20

Sobre as diferentes abordagens, vinte alunos indicaram a Abordagem 2 como sendo a melhor para tratar sobre esta temática, onde o professor utiliza perguntas dos próprios alunos, feitas de forma anônima, para guiar sua aula. Quatro alunos acharam melhor a abordagem em que o professor fala sobre DSTs utilizando imagens de órgãos lesionados para chocar os alunos.

Professores

Tabela 10: Melhor abordagem para o tema - Professores

Professores	Abordagem 1	Abordagem 2
		X
1		X
2		X

3		X
4		X
5		X
6		X
7		X
8		X
9		X
10		X
11		X
12		X
13		X
14	Tudo depende do contexto do grupo em que o tema será trabalhado. Para cada um funcionará de um jeito	
15		X
16		X
17	0	16

Sobre as diferentes abordagens desta temática em sala de aula, 16 professores disseram preferir a abordagem número 2, onde a aula é guiada pelas perguntas feitas pelos próprios alunos de forma anônima, do que a abordagem número 1, onde o professor fala sobre DSTs utilizando fotos de órgãos lesionados, com objetivo de chocar os alunos. Uma professora disse que a abordagem vai depender do contexto em que a turma está inserida, e que para cada grupo funcionará melhor de um jeito.

Existe machismo na nossa sociedade?

- 7) Você acha que existe machismo/homens e mulheres são tratados de forma desigual em nossa sociedade? Justifique.

Alunos

Obtivemos as seguintes respostas:

“sim, ainda temos a presença de machismo, pois nem todos são devidamente educados”

“Sim, vivemos numa sociedade intolerante, em relação a negros, gays e mulheres, e isso é errado.”

“Não, a sociedade não é de hoje machista e preconceituosa, acham sempre que os homens tem mais direitos.”

“Sim, porque o homem pode fazer tudo que ele quiser e dizem que está ótimo, já a mulher tem que se manter porque os homens não gostam, nem a sociedade.”

“Sim, pois ainda existe muito aquela coisa do machismo”

“claro que existe”

“de certa forma sim, mas em muita pouca quantidade. Já foi pior.”

“Sim, porque a maioria dos homens acha que as mulheres ‘são de cozinha’.”

“Sim. E tem que ser assim, por que mulher gosta de lavar a louça”

“Existe muito nas propagandas e tudo mas mais mascarado que antes.”

“Não, os homens são o central da mídia, poder. E a mulher é totalmente desvalorizada, em quase todos os fatores possíveis.”

“Sim. O machismo está presente em nossa sociedade ainda”

“Acho, e são tratados de forma desigual”

“Sim porque ainda existe que o homem manda na sociedade”

“Sim, como isso é tratado culturalmente, apenas digo que se refere a vários pontos em questão”

“Sim. Os machistas acham que a mulher não passa de um objeto.”

“Sim. Varias mulheres são tratados muito mal, por serem mulheres e homens por serem gays.”

“Não, ainda as mulheres sofrem muitos preconceitos pela sociedade”

“Eu acho, porque as mulheres ganham menos do que os homens.”

“Sim! Não são tratados de formas violentas”

“Sim, é desigual. Embora eu ache que muitas vezes o feminismo exagera, ainda existe muito machista idiota por aí”

“Sim, acho que falar sobre o machismo é importante, mas também existe feminismo, e não discutimos sobre isso.”

“Sim, principalmente os homens”

“Sim, porque a sociedade pensa assim ‘o que homem pode, mulher não pode’.”

Professores

Os professores responderam da seguinte forma (uma professora não respondeu a pergunta):

“Sim. Ainda existe machismo. Vejo meninas ainda acreditando que sua obrigação é casar e ter filhos. Vejo meninas estigmatizadas porque gostam de namorar. E ainda vejo muitos pais fugindo à sua responsabilidade.”

“Sim. Existem questões culturais que ainda indicam tipos de comportamentos mais aceitos para um em relação ao outro sexo.”

“A sociedade, homens e mulheres, é machista, pois dessa forma somos criados. Está inserida no inconsciente coletivo a ideia de o ‘macho’ ser sempre a figura dominante.”

“A sociedade gaúcha é sinônimo de machismo”

“Sim, principalmente mercado de trabalho.”

“Sim, acho que existe em todos os sentidos. Ex: salário desigual, cargos desiguais”

“Sim. O machismo de que o homem é mais forte... ainda existe, apesar da mulher já ter conquistado o seu espaço”

“Sim, o machismo está nos detalhes e está presente nas próprias mulheres.”

“Certamente, como herança de uma cultura ainda vigente. A escola tem a obrigação de desmistificar este tipo de conduta e pensamento.”

“Com certeza o machismo existe, basta perceber as propagandas, com a mulher geralmente aparece como um objeto, entre tantas ações do cotidiano, violência, humilhação.”

“Sim, basta vermos as relações de trabalho e a relação entre homens e mulheres (___) na mídia (homens são heróis; e as mulheres, mocinhas apenas).”

“Sim.”

“Com certeza, no nosso dia a dia, passando pela mídia e até em nossas casas.”

“Ainda existe desigualdade por gênero sim. Podemos usar como exemplo a própria remuneração desigual em vários segmentos de mercado.”

“Com certeza. Salários diferenciados, mercado de trabalho diferenciado e assim por diante...”

“Não são tratados igualmente. A questão cultural influencia e diversidade.”

O que você acha de Homofobia?

8) Homofobia é uma forma de rejeição total a pessoas homossexuais. O que você acha disso?

Alunos

Quando questionados sobre o que achavam da homofobia, os alunos escreveram as seguintes respostas:

“Não acho respeitável isso, independente da orientação sexual, todos devem ser respeitados.”

“Eles acham que ser gay seria uma doença.”

“Acho incrível como podem ter pessoas tão ridículas assim.”

“Totalmente idiota, amor é amor e deu. (Contanto que tenha o consentimento do outro também)”

“que devia ser respeitados”

“Eu acho as pessoas homossexuais normais, merecem os mesmos direitos.”

“Cada um tem suas escolhas, vive com quem quer”

“Sim, por isso muita gente sofre várias coisas por serem homofóbicas.”

“Sim. Nada legal e desinteressante pois o problema é de quem tem isso Homofobia.”

“Uma plena falta de respeito com pessoas que escolheram seu gênero”

“Sim.”

“Eu acho um absurdo serem tratados assim, pois são seres humanos como a gente.”

“Acho um absurdo, cada pessoa tem direito de gostar de quem quiser.”

“Ridículo, deve ser respeitado, minha religião já aceita, mas não acha o ideal, concordo com essa afirmação.”

“Acho que é um desrespeito pois não manda nas pessoas”

“Acho só errado por que cada um tem que ser o que é”

“eu acho errado essa rejeição por coisas homossexuais”

“Não tenho nada contra homossexuais, mas eles não gostam de mim por ser heterossexual. Acho homofobia algo de pessoas que não acreditam no amor.”

“Acho errado”

“Não tem o porque de rejeitar, são humanos, porém fizeram sua opção sexual”

“Acho que todo mundo tem o direito de ser e viver como quer. Para mim ta tudo bem.”

“Acho isso muito errado, pois não se deve rejeitar ninguém por ter escolhas diferentes, até porque ninguém é igual e devemos respeitar o próximo independente da opção sexual.”

“Eu não concordo com homofobia, isso é errado, a pessoa é feliz como quer, desde que haja respeito de ambas as partes, porém eu não concordo com as práticas homossexuais.”

“Acho que todos temos o direito de gostar de outro, independente do gênero”

Professores

Quando perguntamos o que os professores acham sobre homofobia, obtivemos as seguintes respostas:

“Sim. Falta de conhecimento e cultura pobre.”

“É uma forma de ódio ao ser humano. Um desrespeito, um abuso, e um grande perigo na atual sociedade que se volta a muitos políticos-evangélicos”

“Uma besteira. Acredito que cada um deve ser feliz indiferente de opção sexual.”

“Outro tema importante a se tratar, como qualquer ato de preconceito.”

“Acredito que sim. Acho errado as pessoas não aceitarem as diferenças.”

“Acho que cada pessoa tem o direito de escolha/decisão em sua vida”

“Acho ridículo. O que importa é o caráter da pessoa e não a forma pela qual ela sente prazer.”

“Penso ser uma forma conservadora e moralista de conceber o mundo, uma forma de interferir na liberdade, na orientação sexual de cada indivíduo, é a busca de uma concepção de afirmar que existe um certo e errado quanto a orientação sexual, enquanto devíamos caminhar para o respeito a cada orientação.”

“Acho inaceitável em todos os níveis, como qualquer outro tipo de pensamento preconceituoso. Penso e trabalho a favor do respeito à diversidade em todas as formas.”

“Inaceitável. É necessária a reconstrução de ideias e ___ referentes aos temas relacionados ao gênero em geral.”

“Sim, é uma forma de rejeição, acredito que já melhorou, diminui mas ainda é alta”

“Acho horrível porque a opção sexual não diz nada a respeito do ser humano, para mim o que interessa é o caráter e não a opção sexual.”

“Horrível”

“Não aceito”

“Muitas vezes, apenas falta de conhecimento. Outras têm a ver com a educação dada pela família, que pode ou não cultivar a ideia de que é errado/certo.”

“Acho terrível. Espero que a sociedade como um todo possa um dia superar isso.”

“Acho que as pessoas têm sexualidade diferente umas das outras e isso deve ser respeitado, pois se as pessoas negam sua natureza, a tendência é ter dificuldade de viverem em paz consigo mesmos.”

Tolerância é diferente de Aceitação

9) Relacione as colunas:

Homem heterossexual; Mulher heterossexual; Gay; Lésbica; Transexual; Travesti; Bissexual

X

Aceito/certo; Não aceito/errado; Indiferente; Respeito, mas não quero próximo a mim; Outro

Alunos

Tabela 11: Relacionando as colunas - Alunos

	1-aceito 2-não aceito 3-indiferente 4-respeito mas não quero próximo a mim 5-outro						
	Homem Hétero	Mulher Hétero	Gay	Lésbica	Transexual	Travesti	Bissexual
1	1	1	1	1	1	1	1
2	1	1	1	1	1	1	1
3	1	1	1	1	1	1	1
4	1	1	1	1	1	1	1
5	4	4	3	1	1	3	3
6	1	1	4	1	1	2	3
7	1	1	1	1	1	1	1
8	1	1	5	1	5	1	5
9	5	5	5	5	5	5	5
10	1	1	3	1	1	3	1
11	1	1	1	1	1	3	1
12	1	1	1	1	1	4	1
13	1	1	1	1	1	1	1
14	1	1	1	1	4	4	4
15	1	1	1	1	1	1	1
16	1	1	4	1	4	4	1
17	1	1	1	1	1	4	1
18	1	1	1	1	1	3	1
19	1	1	1	1	1	1	1
20	1	1	1	1	1	1	1
21	1	1	1	1	1	1	1
22	1	1	1	1	1	1	1
23	1	1	1	1	2	2	2
24	1	1	1	1	3	3	3

O esperado era que todos os alunos respondessem a primeira opção para todas as condições, totalizando 168 “aceito/certo”. O resultado que obtivemos foi 132 “aceito/certo”, contra 4 “não aceito”. “Indiferente” e “respeito, mas não quero próximo a mim” foram indicados 11 vezes cada. “Outro” foi marcado 10 vezes, sendo definido como “respeito” por um aluno, que o marcou em todas as condições. Os outros alunos

que marcaram “outro” não quiseram definir uma palavra para esta opção. Onze alunos marcaram “Aceito/certo” para todas as condições.

Professores

Tabela 12: Relacionando as colunas - Professores

	1-aceito 2-não aceito 3-indiferente 4-respeito mas quero longe 5-outro						
	Homem Hétero	Mulher Hétero	Gay	Lésbica	Transexual	Travesti	Bissexual
1	3	3	3	3	3	3	3
2	1	1	1	1	1	1	1
3	1	1	1	1	1	1	1
4	3	3	3	3	3	3	3
5	1	1	1	1	1	1	1
6	1	1	1	1	1	1	1
7	3	3	3	3	3	3	3
8	1	1	1	1	1	1	1
9	1	1	1	1	1	1	1
10	1	1	1	1	1	1	1
11	1	1	1	1	3	1	3
12	1	1	5	5	5	5	2
13	1	1	1	1	1	3	3
14	1	1	1	1	1	1	1
15	1	1	1	1	1	1	1
16	1	1	1	1	1	1	1
17	5	5	5	5	5	5	5

O esperado era que todos os professores respondessem a primeira opção para todas as condições, totalizando 119 “aceito/certo”. O resultado que obtivemos foi 82 “aceito/certo”, contra 1 “não aceito” (colocado para a condição “bissexual”) e 25 “indiferente”. “Outros” foi marcado 11 vezes, sendo definido como “aceito” e “aceito/respeito” pelos professores. Três professores marcaram “indiferente” para tudo, uma professora definiu “aceito” para a opção “outros” e marcou para todas as condições, e 10 professores marcaram “aceito/certo” para todas as condições.

De onde vêm as informações que chegam aos alunos?

- 1) Onde/com quem você lê/assiste/conversa sobre o assunto Sexualidade? Coloque em ordem de importância, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante.
Professores; Amigos; Família; Televisão; Revistas; Internet; Livros; Outra

Tabela 13: Ordem de importância das informações - Alunos

	Ordem de importância das informações							
	1	2	3	4	5	6	7	8
1	Internet	Amigos	família	professores	Televisão	livros	revistas	x
2	marcou com x professores e amigos							
3	Professores	Internet	família	amigos	Televisão	revistas	livros	outra
4	Internet	professores	amigos	família	Televisão	revistas	x	livros
5	professores - amigos - família - televisão - internet	X	X	x	X	livros	x	revistas
6	Família	professores	amigos	x	internet – livros	televisão	revistas	x
7	Professores	Família	amigos	internet	X	x	x	x
8	Amigos	professores	internet	televisão	Revistas	família	livros	x
9	Família	Amigos	professores	revistas	Internet	livros	outra	televisão

10	Família	X	professores	amigos	televisão – internet	livros	revistas	x
11	marcou com x professores, amigos e televisão							
12	Família	Amigos	professores	televisão	Internet	livros	revistas	x
13	Família	professores	internet	amigos	Televisão	revistas	outra	livros
14	Família	Amigos	internet	professores	Televisão	revistas	livros	palestras
15	Professores	Família	internet	amigos	Livros	revistas	televisão	outra
16	Amigos	Internet	televisão	professores	Família	revistas	livros	x
17	Amigos	Família	internet	professores	Televisão	revistas	livros	x
18	Internet	Amigos	família	revistas	Professores	televisão	livros	videogames
19	Amigos	Família	revistas	livros	Professores	internet	televisão	outra
20	Família	professores	amigos	internet	Televisão	revistas	livros	x
21	Amigos	Família	internet	livros	Revistas	televisão	professores	x
22	Amigos	Família	professores	internet	Televisão	revistas	livros	x
23	Família	professores	amigos	televisão	Internet	livros	revistas	x
24	professores - família - doutor	Livros	X	X	X	x	amigos	televisão - revistas - internet

Quando questionados sobre a ordem de importância da fonte de informações sobre o tema, a família foi a mais citada como mais importante, com 10 indicações. Amigos e professores tiveram 7 e 5 indicações respectivamente, e internet 4. Um(a) aluno(a) indicou televisão como sendo a mais importante, e outro(a) indicou marcou a opção outro, indicando doutor com maior importância.

Professores e família foram as fontes mais citadas como segunda mais importante, com 6 indicações, seguidos por amigos, com 5 votos. Internet teve 6 indicações como a terceira mais importante, e revistas, livros e televisão foram mais citadas como últimas em ordem de importância.

Como a temática Sexualidade está sendo abordada nas escolas?

- 10) Durante o 8º ano do Ensino Fundamental é estudado o Corpo Humano, e dentro deste assunto a temática Sexualidade pode ter sido abordada. Qual a sua opinião sobre as aulas que você teve sobre esta temática?
Muito completas; Completas; Incompletas; Não tive aulas sobre esta temática
- 11) Caso tenha marcado a opção “incompletas”, indique o que faltou nestas aulas na sua opinião.

Tabela 14: Como foram as aulas - Alunos

Alunos	Muito completas	Completas	Incompletas	Não tive aulas
				X
1		X		
2		X		
3			X	
4		X		
5				X
6		X		

7		X		
8		X		
9		X		
10			X	
11			X	
12		X		
13		X		
14				X
15			X	
16			X	
17				X
18		X		
19	X			
20		X		
21		X		
22				X
23		X		
24	1	13	5	5

Quando questionados sobre as aulas que tiveram sobre esta temática, 13 alunos indicaram que as aulas foram completas. Cinco alunos indicaram que as aulas foram incompletas, e cinco alunos disseram que não tiveram aula sobre esta temática. Apenas um(a) aluno(a) disse que as aulas foram muito completas.

Os que indicaram que as aulas foram incompletas, disseram que faltou: “tudo, não teve aula de nada”; “Faltou tudo. Só falaram de algumas doenças”; “não tivemos muitas aulas sobre essa temática”; “mais casos sobre isso”; “faltou mais tempo abordando o assunto”.

12) Em que situações esta temática foi trabalhada dentro da Escola?

Professor de ciências em aula; Professor de outras disciplinas em aula; Palestras com pessoas de fora da escola; Oficinas; Professores da escola fora da sala de aula; Rodas de bate-papo; Trabalhos de pesquisa

Tabela 15: Como foi trabalhado - Alunos

Alunos	Professor de ciências	Professor de outra disciplina	Palestras com pessoas de fora	Oficinas	Professores da escola fora de sala	Rodas de bate-papo	Trabalhos de pesquisa	Outros
1		X				X		
2	X	X	X			X	X	
3	X	X				X		
4	X	X						
5		X						
6	X	X	X			X		
7			X			X		
8						X		
9		X	X				X	
10						X		
11		X						
12	X							
13		X		X		X		
14			X					
15	X	X						
16	X	X						
17		X						
18	X		X			X	X	
19	X	X						
20	X							
21	X							
22								não trabalhamos isso
23	X	X	X			X	X	

Quando questionados sobre as situações em que a temática foi trabalhada dentro da escola, 15 alunos indicaram que foi trabalhada por professores de disciplinas diferentes em sala de aula. Doze alunos indicaram que foi trabalhada por professores de ciências, 10 alunos indicaram rodas de bate-papo e 7 alunos falaram palestras com pessoas de fora da escola. Quatro alunos indicaram que foi feito trabalho de pesquisa, e um aluno indicou oficinas.

- 4) De que forma e qual o enfoque que você poderia dar para trabalhar esta temática na sua disciplina?

Quando perguntados de quais formas e qual o enfoque que poderia ser dado caso o professor trabalhasse esta temática na sala de aula, os professores responderam:

PORTUGUÊS:

“Trabalharia o tema através de leituras de livros literários principalmente, para promover rodas de bate-papo, sem focar tanto na avaliação, mas sim na produção de cartazes, peças teatrais, ...”

“Através de textos, debates, seminários, questionários, palestras, produção de cartazes, teatro, vídeo, elaboração de jornal, de revistas, etc.”

MATEMÁTICA:

“conversa informal e informações com dados estatísticos”

“Eu respondo as dúvidas que os alunos tem (tento porque em matemática é complicado). Mas talvez usaria gráficos, porcentagens.”

HISTÓRIA:

“A forma, metodologia, poderia seguir as próprias sugeridas acima [sala de aula, palestras com professores, palestras com convidados, oficinas, rodas de bate-papo, trabalhos de pesquisa, saídas de campo, trabalhos com família]. Por questões de ter

mais propriedade para trabalhar com os estudantes, poderia focar nas questões de gênero, adolescência e juventude, Feminismo e Machismo.”

GEOGRAFIA:

“o papel da mulher perante a sociedade; a mulher nas diferentes culturas”

EDUCAÇÃO FÍSICA:

“em palestras com convidados e rodas de bate papo, principalmente nas questões de mudanças do corpo.”

CIÊNCIAS:

“enfoque mais na parte científica: gravidez, contracepção, DSTs, ciclo menstrual, uso de drogas.”

“Acredito que o professor deve trazer esta temática para discussão do grupo (o professor deve ficar ___ quanto ao seu posicionamento) para que eles possam refletir sobre as questões sem cobrança do que deveria ser correto ou não para a sociedade.”

“DST, métodos contraceptivos, preconceitos, corporalmente.”

“Acho que o assunto não deve ou não é desejável que seja tratado na disciplina. A disciplina pode contribuir com os aspectos biológicos, mas isso não deve ser tratado isoladamente.”

LÍNGUA ESTRANGEIRA:

“Preconceito; respeito ao corpo, à mulher, a identidade de gênero, enfim ao ser humano.”

“poderia trabalhar com textos (leitura), após a leitura fazer um debate.”

“Dentro da temática vai aparecendo normalmente as perguntas.”

“A sexualidade, se surgir como tema, pode ser trabalhada como uma questão geral da humanidade. Como as pessoas namoram em outros lugares, como são constituídas as famílias, se há liberdade para os jovens ou não,”

OUTRA:

(Orientação Educacional) “Eu trabalho com o apoio inicial da disciplina de biologia para uma tentativa de tornar o conhecimento da turma mais homogêneo. A partir disso, acho mais produtivo trabalhar em cima das dúvidas e demandas da turma. Meu enfoque normalmente é mais do lado psicológico/emocional das relações e sexualidade como um todo.”

(Música) “Através de significados de canções, história dos artistas e história da Música como um todo”

- 5) Você acha que auxiliaria seu trabalho de existisse uma Cartilha com sugestões de abordagem sobre esta temática?
Sim, auxiliaria muito; Auxiliaria um pouco; Não auxiliaria

Tabela 16: Cartilha auxiliaria? - Professores

Professores	Sim, auxiliaria muito	Auxiliaria um pouco	Não auxiliaria
	X		
1	X		
2		X	
3		X	
4	X		
5		X	
6	X		
7		X	
8		X	
9		X	
10	X		
11	X		
12	X		
13		X	
14	X		
15		X	
16		X	
17	8	9	0

Sobre a existência de uma cartilha com sugestões de abordagem sobre esta temática, 9 professores disseram que auxiliaria um pouco seu trabalho, e 8 professores disseram que auxiliaria muito

10) O que você acha que falta para que esta temática seja bem trabalhada junto aos adolescentes?

Perguntamos aos professores o que eles acham que falta para que esta temática seja bem trabalhada junto aos adolescentes, e eles responderam das seguintes formas:

“Falta uma compreensão geral de que nossa natureza é diversa e de que temos a liberdade de escolher nossos parceiros e de decidir se queremos ou não ter filhos.”

“Um processo de formação/educação continuada de professores, um trabalho da escola junto às famílias e mais diálogo entre os jovens e a família.”

“Preparo dos professores. Às vezes, falha-se na metodologia, no como abordar com os jovens. Falta, também, incentivo das escolas e dos órgãos da sociedade.”

“Interesse”

“Mais instrução”

“Ser trabalhado num trimestre inteiro como uma disciplina normal”

“O professor deverá dar mais abertura, oportunidade para que estas temáticas possam ser trabalhadas.”

“O professores precisam também sofrerem um processo de desconstrução, pois o preconceito ainda está internalizado na maioria das pessoas. É preciso humildade para aprendermos juntos e reconstruirmos a educação e a sociedade.”

“Projetos mais amplos e constantes. Já vemos isto acontecendo, mas ainda de maneira pontual. Também abertura de alguns professores para esta proposta.”

“Principalmente uma mudança de concepção de mundo de toda a sociedade, porém, no caso da escola fundamentalmente uma abertura maior das famílias e das direções/coordenações. É preciso ainda discutir com muitos professores conservadores.”

“Vontade de aprender sobre o assunto para poder ensinar e, também, coragem para enfrentar a tradição e derrubar o “tabu” da sexualidade em sala de aula.”

“A temática a partir das dúvidas e questionamentos dos alunos e não de livros ou cronogramas pré-determinados.”

“As escolas poderiam ter um momento por semana com os adolescentes para conversarem sobre todos os temas da questão número 3.”

“Professores conversarem mais com os adolescentes, indiferente de sua disciplina, mas principalmente trabalhar isso em casa.”

“Acredito que seja bem abordada. A questão é que a sociedade parece cada vez pior em relação a um tratamento com diferentes grupos.”

“O respeito ao ser humano. Não existem modelos certos ou errados. Existe respeito ao outro e a si mesmo.”

“As escolas acreditarem na proposta do tema.”

Discussão

Em que disciplinas o assunto Sexualidade deve ser abordado?

Devido ao fato de a sexualidade tradicionalmente ser trabalhada pela disciplina de Ciências na escola quando se fala de Corpo Humano, os alunos entendem que principalmente esta disciplina deve trabalhar a temática. No entanto, a maior parte dos alunos percebe que a temática pode ser trabalhada também em outras disciplinas, como História, Português, Educação Física e Ensino Religioso. Ao ser trabalhada em outras disciplinas que não somente Ciências, é possível dar enfoques diferentes, como o contexto histórico e cultural que nos leva a pensar neste tema como sendo um tabu na nossa sociedade (além de ver como este tema é tratado em outras sociedades) no caso da História, ou como textos literários, notícias, textos didáticos e outros abordam o corpo humano e a sexualidade, no caso do Português. Educação Física pode falar sobre saúde e respeito ao corpo, por exemplo, e Ensino Religioso pode falar como é tratada a sexualidade nas diversas religiões.

Todos os professores pesquisados acreditam que a temática Sexualidade deve ser trabalhada em pelo menos três disciplinas: Ciências, Educação Física e Ensino Religioso, possivelmente por serem as disciplinas mais ligadas a questões corporais,

religiosas e culturais. No entanto, sabemos que na maioria das escolas a responsabilidade de trabalhar esta temática acaba ficando apenas para o professor de Ciências. Neste trabalho também foi registrada uma indicação do SOE como complementar ao trabalho realizado pelos professores, feita pela psicopedagoga de uma das escolas, que realiza um projeto de Educação Sexual junto à professora de Ciências. Sabendo que a sexualidade é marcada pela história, cultura, ciência, afetos, sentimentos, além de valores de cada sujeito (BRASIL, 1998), torna-se evidente a importância da presença de um psicólogo no desenvolvimento desta temática na escola, tanto norteando o trabalho dos professores, quanto conversando com os próprios alunos focando no campo psicológico e emocional das relações e da própria sexualidade, conforme frisou a psicopedagoga entrevistada.

De que forma a temática Sexualidade e Gênero deve ser trabalhada na escola?

Os alunos entendem que a temática Sexualidade e Gênero deve ser trabalhada principalmente dentro da sala de aula, pelos professores, e com rodas de bate-papo para que estas questões sejam discutidas pelos próprios alunos. Os alunos entendem que palestras são também excelentes momentos de aprendizado sobre a temática, podendo ser feitas com professores ou convidados. Talvez aqui possamos dizer que trabalhar este tema em palestras, seja com convidados ou mesmo com professores, deve ser encarado como complementar ao trabalho feito em sala de aula e as rodas de discussões, uma vez que nestes últimos os alunos teriam um contato mais íntimo/estariam mais próximos da pessoa que, na visão dos mesmos, “detém o conhecimento”, possibilitando que a troca entre as partes seja maior e melhor devido a essa relação de proximidade e intimidade. É possível que a opção “oficinas” tenha recebido apenas dois votos devido a uma confusão dos alunos em relacionar oficina como sendo algo prático, e não ter o entendimento de como poderia ser desenvolvida uma oficina sobre sexualidade.

Indo ao encontro da vontade dos alunos, a maior parte dos professores acredita que a sala de aula é uma das melhores formas de abordar esta temática. Porém, diferente dos alunos, os professores acreditam que palestras com convidados sejam melhores que

rodas de bate-papo. Como comentado anteriormente, podemos considerar que os alunos possivelmente veem palestras com convidados como algo complementar ao trabalho realizado em sala de aula pelos professores, tanto em aulas expositivas quanto em rodas de bate-papo para esclarecimento de dúvidas e discussão de temas mais polêmicos, como aborto, abuso sexual, machismo e feminismo, etc.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), é dever da escola estimular a reflexão dos alunos, a partir da problematização e do debate dos vários assuntos dentro da temática sexualidade. Cabe à escola desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos alunos, além de proporcionar a eles o espaço para que esses debates e reflexões ocorram. Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a escola tem o papel de abrir espaço para que as diferentes concepções, valores e crenças sobre este tema possam vir à tona, trabalhando o respeito às diferenças, assumindo ela mesma esta postura de respeito às diferenças expressadas pelos alunos e suas famílias .

Quais assuntos devem ser trabalhos dentro da temática Sexualidade?

É possível vermos aqui que as demandas dos alunos estão mudando: assuntos como machismo, respeito à mulher, preconceitos, homossexualidade e abuso sexual tiveram muitos votos, representando uma necessidade dos alunos em falar sobre estes temas. De certa forma, assuntos como contracepção, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis são mais falados no dia a dia, e é mais fácil encontrar informações sobre isto mesmo fora da escola. Porém, em temas sobre preferência sexual, preconceitos e abusos encontram mais dificuldade de encontrar um espaço para acessar informações e discuti-las. Conseguimos enxergar aqui um incômodo muito grande em relação ao tema Machismo, uma vez que quase todos o indicaram como tema a ser trabalho na escola. Por meio das minhas experiências em escola percebo que os alunos querem falar, discutir, e desconstruir pensamentos sobre este tema, mas normalmente não encontram espaço para fazê-lo ou, quando encontram, são espaços em que há pessoas que irão julgá-los, onde eles vão se sentir diminuídos e vão sofrer preconceito.

Os alunos querem conversar mais sobre questões sociais e culturais do que biológicas: os mais indicados foram, junto ao Machismo, a Gravidez na Adolescência, o

Respeito à Mulher e o Preconceito. Conseguimos ver nas redes sociais um aumento na discussão sobre estes temas, em que as minorias, sejam elas mulheres, negros, homossexuais ou transgêneros, estão se manifestando contra a opressão que sofrem, e conseguindo mais apoio às suas causas. Este movimento ainda não é o suficiente para promover as discussões que os alunos necessitam, mas provavelmente faz com que os alunos sintam a necessidade de conversar sobre isso, e a escola se apresenta como um bom espaço para esclarecimentos acerca deste tema. Isto vale também para aborto, abuso sexual e homossexualidade, assuntos que também estão sendo muito discutidos nas redes sociais, e que receberam mais indicações que gravidez e DSTs.

Chama a atenção aqui o fato de muitos professores terem colocado identidade de gênero e respeito à mulher como assuntos que devem ser abordados em sala de aula, evidenciando um movimento de mudança da docência, saindo da visão tradicional de ensino de sexualidade, onde se aborda apenas os pontos biológicos, como gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, e entrando em aspectos sociais e psicológicos como identidade de gênero, e tabus como o respeito à mulher e machismo da sociedade. Chama a atenção também que relacionamentos abusivos tenha sido tão pouco votado, seja por não perceber uma realidade onde existem muitos relacionamentos que são abusivos, seja por achar um assunto complexo demais a ser discutido. Quando abordamos este tópico, surge o polêmico ditado popular: “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”; ditado esse que desestimula qualquer forma de intervenção dentro de um relacionamento, mesmo que este seja visivelmente abusivo. Este ditado abre precedente para casos, por exemplo, em que o marido espanca a esposa, mas ninguém fala nada por achar que “não deve se meter”, sendo cúmplices de atitudes opressoras por uma das partes, e da opressão e humilhação sofrida pela outra parte.

O trabalho de Orientação Sexual proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) tem objetivo de prevenir problemas graves que podem acontecer aos adolescentes, como abuso sexual e gravidez indesejada. Sobre este último, a prevenção baseia-se no conhecimento: quais são os métodos anticoncepcionais, quais os prós e contras de seu uso, qual a disponibilidade e o acesso a eles; além disso, é essencial uma percepção sobre quais são os cuidados necessários para evita-la, e principalmente o porquê de evitar uma gravidez em determinado momento da vida. Sobre o abuso sexual de crianças e jovens, é necessário favorecer a apropriação do conhecimento sobre o corpo, tornando-os conscientes de que o corpo lhes pertence, e

ninguém tem o direito de tocá-lo ou usá-lo de alguma forma sem seu consentimento. Já as questões de gênero devem ser debatidas com a valorização da equidade entre gêneros e manutenção da dignidade de cada um deles (BRASIL, 1998). A proposta da Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais tenta considerar todas as dimensões da sexualidade, biológica, psíquica, sociocultural e implicações políticas da mesma.

Qual a melhor forma de abordar a temática Sexualidade em sala de aula?

É possível que alguns alunos acreditem que a melhor forma de tratar assuntos importantes como esta temática seja através de uma espécie de Terapia de Choque, onde o professor mostra o pior cenário possível de forma a chocar os alunos, tentando fazer com que eles tomem consciência de que precisam se cuidar para que não aconteça aquilo com eles. Entretanto, a maioria dos alunos entende que uma aula sobre a temática da Sexualidade seria melhor aproveitada se fosse guiada pelas perguntas feitas pelos próprios alunos, uma vez que esta forma de abordagem do conteúdo cumpre com as demandas dos adolescentes de forma a tornar a aula interessante e esclarecedora.

Novamente nesta questão chama a atenção o movimento de mudança na docência, em que os professores estão percebendo ser muito mais efetivo o diálogo com os alunos do que o “tratamento de choque”. Os professores entendem que guiar a aula em cima das dúvidas dos próprios alunos se mostra mais eficaz do que métodos em que o objetivo é chocar os alunos, pois este último gera medo e não traz as informações que deveria, enquanto o primeiro estimula a discussão e esclarecimento de dúvidas.

No entanto, é necessário discutir aqui a influência que o próprio questionário pode ter tido nas respostas: o questionário apresentava duas opções de abordagem completamente opostas, e que de certa forma deixaram claro qual a resposta que a autora considerava como ideal. É possível que alguns dos sujeitos pesquisados tenham respondido não o que eles realmente pensam, mas sim o que eles consideraram que eu achava ideal, induzidos pelo próprio instrumento de pesquisa.

Ainda assim, as abordagens acerca da temática Sexualidade devem esclarecer as dúvidas e completar as informações que os alunos possuem, e permitir que os mesmos critiquem e formem opiniões sobre os diferentes pontos discutidos dentro da temática. A

escola deve informar os alunos e abrir espaço para debate de valores e comportamentos sexuais da sociedade. Desta forma, os alunos podem pensar criticamente, definir seus próprios valores e agir de acordo com os mesmos (BRASIL, 1998). Para um trabalho que esclareça dúvidas e permita um debate aberto sobre os diferentes assuntos que esta temática traz consigo, o tipo de abordagem que parece mais indicado é um trabalho desenvolvido em cima das dúvidas dos próprios alunos, sempre abrindo espaço para que esses possam se expressar, desde que mantido o respeito para com todos. Isso inclui, também, limitar a Orientação Sexual à ação pedagógica, mantendo a intimidade dos alunos e professores, e auxiliando os jovens e crianças a discriminar o que pode e o que deve ser compartilhado em grupos, e o que é melhor ser mantido como vivência pessoal (BRASIL, 1998). É importante que os alunos saibam a importância e as consequências de dividir sua intimidade com outros, para que possam decidir com quem e de que forma o farão.

Existe machismo na nossa sociedade?

Todos os alunos afirmaram que existe machismo em nossa sociedade, e que homens e mulheres são tratados de forma diferente. Os alunos trazem as palavras preconceitos, intolerância, cultura e educação como possíveis causas dessas desigualdades, que resulta em diferença de tratamento entre homens e mulheres, desvalorização e violência contra a mulher, diferenças de salário e direitos, e objetificação da mulher. Dois alunos falaram em feminismo, um deles criticando algumas atitudes radicais por parte de pessoas deste movimento, e outro dizendo que deveria ser discutido o feminismo também. A maior parte dos alunos associou o opressor à figura do homem e da sociedade, e a mulher como figura oprimida e prejudicada. Também todos os professores acreditam que existe machismo em nossa sociedade. Vários deles disseram que isto é uma questão cultural e vários citaram salários desiguais como um exemplo de machismo.

Estão acontecendo muitas mudanças nas relações de papéis dos gêneros na nossa sociedade: a mulher tem se encontrado cada vez menos restrita às tarefas da casa, cada vez mais trabalhando fora e tendo sua independência, tanto financeira quanto psicológica; o homem aparece cada vez mais presente nas tarefas domésticas e paternas, o que gera uma revisão dos papéis (BRASIL, 1998), permitindo que alunos e

professores percebam a existência do machismo na sociedade, assim como o movimento de mudança desta realidade.

É importante que a escola consiga analisar, junto aos alunos, como a religião, a história, a ciência e a sociedade acabaram por classificar as mulheres como “segundo sexo”, e quais são as consequências de ser considerado como segundo elemento (LOURO, 2013). Um exemplo disso é utilizar a forma masculina para referir-se a meninos e meninas ou homens e mulheres, independente da proporção numérica, ou ainda utilizar a palavra “homem” no lugar da expressão “ser humano” ou “pessoa”: a opção de uso do masculino é política, tendo sido escolhida a palavra “homem”, do latim homo, para designar a única espécie do planeta que possui sapiência (Homo sapiens). A continuidade deste uso favorece a ideia de superioridade de um gênero (masculino) sobre outro (feminino), além de descaracterizar todo o gênero feminino (FURLANI, 2013).

Talvez falte ainda um pouco de compreensão, inclusive por parte dos professores, do que seria realmente o machismo e quais as consequências dele na nossa sociedade. Segundo o dicionário Silveira Bueno (2000, p. 483), machismo é: atitude de quem não aceita a igualdade de direitos entre o homem e a mulher, achando que o homem é superior à mulher. É fundamental entendermos que a opressão causada pelo machismo vai muito além dos salários desiguais para homens e mulheres: é necessário perceber que o machismo descaracteriza a mulher, a coloca como um objeto a serviço dos homens, com função de lhes satisfazer, lhes servir e reproduzir. O machismo dá permissão à violência sofrida pela mulher, uma vez que “mulheres direitas não andam sozinha à noite”, “mulheres não devem usar roupas curtas”, “mulheres não podem ter determinadas atitudes”, e o descumprimento destas “normas” justifica agressão, violência e estupro contra a mulher. É essencial percebermos como o machismo está incrustado na nossa sociedade, desde situações mais simples, onde um homem é parabenizado porque ele “ajuda em casa”, até situações de abuso onde a mulher é considerada culpada por que estava com roupa curta, então “ela estava pedindo”.

Em contrapartida, o feminismo é um movimento que muitas vezes é compreendido da forma errada: não é o contrário de machismo, pois não vê a mulher como superior ao homem. Segundo o dicionário Aurélio (1993, p. 248), feminismo é: movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos do

homem. O feminismo não pretende oprimir o homem da forma como a mulher é oprimida pelo machismo, e também não quer que a classe feminina seja vista e tratada da mesma forma que a classe masculina: isso eliminaria as diferenças entre homens e mulheres, e como diz Seffner (2013), eliminar as diferenças significa eliminar os traços que conferem originalidade, que são justamente os mais fortes da nossa identidade e que faz nos reconhecermos como diferentes. O movimento luta pelos mesmos direitos, pela mesma liberdade conferida à classe masculina. As mulheres feministas desejam poder caminhar na rua sem medo de sofrer algum abuso ou violência, desejam não ser menosprezadas simplesmente por terem nascido como sexo feminino, e desejam, acima de tudo, o poder decidir sobre sua vida e seu corpo.

O que você acha de Homofobia?

Quando perguntados a respeito da homofobia, 21 alunos foram contra, alegando achar um desrespeito com pessoas homossexuais, alguns utilizando palavras como “ridículo”, “idiota”, “absurdo” e “errado” para este tipo de preconceito. Vários afirmaram que homossexuais merecem o mesmo respeito e direitos que heterossexuais. No geral, as respostas dos estudantes pareceram muito maduras, com bons fundamentos e frases como “amor é amor e deu”, “todo mundo tem o direito de ser e viver como quer”, “não se deve rejeitar ninguém por ter escolhas diferentes, até porque ninguém é igual e devemos respeitar o próximo independente da opção sexual” e “todos temos o direito de gostar de outro, independente do gênero”.

Um aluno respondeu de forma contraditória, indicando inicialmente que não concorda com homofobia, dizendo que isso é errado, e que a pessoa deve ser feliz como quer. Porém, em seguida, ele disse não concordar com práticas homossexuais. Esta contradição mostra que é possível que este aluno tenha preconceito com pessoas homossexuais, e talvez por ter a percepção de que preconceito não é algo bom, se envergonhe deste sentimento. Todos os professores disseram considerar homofobia como algo inaceitável e horrível. Muitos falaram que é um desrespeito, que todas as opções sexuais devem ser respeitadas, e que todas as pessoas têm o direito de serem felizes.

Temos aqui no Brasil um regime de heteronormatividade compulsória: valorização dos indivíduos que são heterossexuais, se organizam em família, são monogâmicos e fiéis, geram filhos, modificam seus corpos apenas para se manterem jovens e sexualmente atraentes. O discurso político e religioso valoriza a família tradicional, formada por homem e mulher e o rompimento destas premissas gera violência, dissolução de laços entre indivíduos, doenças, desregramento e caos. (SEFFNER, 2013) Em contrapartida, conforme lembra Louro (2000), cresce o número de as uniões afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, e os arranjos familiares estão se modificando. Na última década, aqui no país, a diversidade de gênero e sexualidade está se manifestando e ganhando visibilidade, tanto nas ruas, com paradas gays, paradas de orgulho homossexual e paradas da diversidade, como em novelas e outros produtos culturais de largo consumo (SEFFNER, 2013). Esta nova configuração de família, cada vez mais presente no dia a dia das pessoas, diminui a distância entre grupos de heterossexuais, muitas vezes opressores e grupos de homossexuais, oprimidos, tornando a realidade homossexual mais visível e presente, fazendo com que os mesmos sejam percebidos não mais como aberrações ou doentes e sim simplesmente como pessoas com gostos diferentes.

Ao mesmo tempo que manifesta-se uma valorização da diversidade e de gênero na nossa sociedade, os índices de violência são alarmantes. Isso tudo nos chama a atenção para a aceitação pontual da diversidade, onde admite-se que alguém seja homossexual apenas se ele for jovem, branco, classe média, discreto e se assemelhar a norma heterossexual em todos os outros aspectos, incluindo monogamia e fidelidade. E nesta perspectiva, a homofobia, o machismo e o sexismo nos lembram o perigo de entrar em confronto com a norma (SEFFNER, 2013).

Tolerância é diferente de Aceitação

A maior parte dos alunos demonstra respeito e aceitação pelas diferentes condições de opção sexual e gênero. Poucas pessoas se mostraram contra alguma opção sexual ou gênero, e na maioria das vezes este preconceito é contra bissexuais e transgêneros. Alguns alunos e professores fizeram distinção entre “aceito/certo” e “indiferente”, marcando a primeira opção para heterossexuais e homossexuais e a segunda para bissexuais e transgêneros, mostrando que, para eles, existe uma diferença

em relação a essas condições: diferentemente de aceitar e respeitar, estas pessoas toleram outras opções sexuais/gêneros. Como nos lembra Louro (2013), a ideia de tolerância tem uma assimetria, pois está ligada à permissão, em geral atitude exercida por quem se percebe superior.

No momento em que vivemos em uma sociedade onde pessoas LGBT são minoria e a nossa cultura é marcada pela heteronormatividade, não é de se estranhar que existam pessoas que se achem no direito de julgar como certo ou errado a conduta de outras. Esse direito de julgamento vem justamente de uma ideia de superioridade, onde a pessoa se considera certa e vê condutas diferentes da dela como erradas. Por se achar superior, a pessoa entende que teria poder para julgar e deslegitimar outras pessoas. Dessa forma, a pessoa entende que deve tolerar as outras, ou seja, toleram sua existência e sua presença em locais públicos.

Tolerância é diferente de aceitação, uma vez que a tolerância é algo contra a vontade do sujeito, em que ele acaba por permitir determinada situação por obrigação, e possivelmente não a aceitaria se não dissessem para ele que homofobia é algo errado, no exemplo de preconceito a homossexuais. Nesta situação, a pessoa que tolera não vê motivos para que a outra tenha os mesmos direitos que ela. É por isso então que precisamos dar a devida atenção a estes discursos, para poder desconstruir esta ideia de superioridade e instaurar uma ideia de igualdade de direitos, sem desconsiderar a originalidade de cada sujeito.

De onde vêm as informações que chegam aos alunos?

É importante perceber que a família foi considerada como a fonte de informações mais importante pela maioria dos alunos. De modo geral isso é bom, pois releva um alto grau de intimidade e boa relação com os familiares, e muitas vezes a família tem informações mais confiáveis do que amigos da mesma faixa etária. Porém, muitas vezes a família é mais fortemente influenciada por questões religiosas: isso pode ser um problema, porque algumas religiões – e famílias que as seguem – condenam o uso de anticoncepcionais e preservativos, ou condenam outras opções sexuais que não a heterossexualidade, ocasionando muitas vezes em gravidez não desejada por não uso de

métodos contraceptivos ou fazendo com que adolescentes sofram com preconceitos e julgamentos, resultando muitas vezes em depressão e em algumas situações até mesmo suicídio. Podemos dizer que todas as famílias realizam, de alguma forma, educação sexual de suas crianças, mesmo não falando abertamente sobre o assunto. Essa educação sexual é percebida nos comportamentos, relações, cuidados, expressões, gestos e proibições dos pais, em relação a eles mesmos e aos filhos: estão carregadas com os valores da família, que a criança aprende desde cedo. Mesmo sem perceber, é em casa que a criança recebe as noções com as quais vai construir e expressar sua sexualidade (BRASIL, 1998).

Professores e amigos ocupam mais ou menos a mesma posição de relevância para os alunos. Os professores, em geral, detém o conhecimento acerca dos diferentes aspectos que circundam o tema sexualidade (biológicos, fisiológicos, históricos, culturais, etc.), e cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças que existem na sociedade junto aos alunos, permitindo que os mesmos construam sua própria referência por meio da reflexão. Assim, podemos dizer que o trabalho de Orientação Sexual realizado pela escola não substitui ou concorre com a família, e sim a complementa (BRASIL, 1998).

Já os amigos muitas vezes são adolescentes tão inexperientes quanto os próprios alunos, que podem vir a passar muitas informações erradas. Ainda assim, é uma importante fonte de informação devido ao vínculo existente entre estes, que permite que eles conversem coisas que possivelmente não conseguem conversar nem mesmo com os pais. Sabemos que alguns alunos tem mais intimidade para falar de sexualidade com amigos do que com os pais e professores, e alguns adolescentes conseguem expor seus posicionamentos em relação à sexualidade apenas para os amigos, escondendo essa situação dos outros, sejam eles familiares ou conhecidos, para não sofrer alguma espécie de represália.

Como a temática Sexualidade está sendo abordada nas escolas?

Praticamente metade dos alunos acha que as aulas sobre esta temática foram incompletas ou não existiram. Isso mostra que existem ainda demandas dos alunos que não estão sendo respondidas pela escola. Ainda assim, os resultados nos mostram que o modo como esta temática vem sendo trabalhada nas escolas está de acordo com o que os alunos consideram como ideal. É possível que os alunos considerem como ideal a forma

de trabalho a que eles estão acostumados, por não saberem como seria se fosse trabalhado de outra forma. Ainda assim, eles consideram estas formas como sendo satisfatórias, apesar do déficit em relação ao que eles esperavam receber de informações sobre o tema.

Todos os professores demonstraram ter ideias de como poderiam trabalhar esta temática na sua disciplina, e comentaram durante o questionário que não gostariam de ter uma cartilha para seguir a risca, mas que achariam interessante se existisse um material no qual pudessem se basear para desenvolver suas aulas, como um material de apoio. Surge, então, a dúvida do porque muitos deles não o fazem, deixando a responsabilidade sempre para o (a) professor (a) de Ciências. Em um projeto conjunto, tratado de forma transversal como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), cada professor poderia abordar os tópicos dando enfoque na parte que tem maior domínio, que diz respeito à sua disciplina e por meio da sua própria proposta de trabalho. Ou será que não?

Quando perguntados sobre o que falta para que esta temática seja bem trabalhada na escola, alguns professores falaram que falta interesse, vontade e coragem por parte dos próprios professores, mas muitos falaram que falta preparo, formação e instrução aos professores, evidenciando um sentimento de despreparo por parte deles. Sexualidade e gênero são tabus, temas extremamente complexos, e a tarefa de trabalhá-los em sala de aula gera uma grande insegurança. Os professores falaram também que falta maior incentivo e maior abertura por parte das escolas e órgãos públicos, além de projetos mais amplos e constantes sobre o tema. Um professor disse ainda que falta a escola acreditar na proposta do tema, talvez querendo dizer que a escola não tenha dimensão da importância e da riqueza do mesmo. Ainda segundo os professores falta também um trabalho junto à família e desconstrução de preconceitos da sociedade e dos próprios docentes.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1998) pretendem promover reflexões e discussões acerca da temática com todos os envolvidos na ação pedagógica da escola, entre eles professores, técnicos, pais e responsáveis. A escola precisa saber da necessidade de existir um espaço para reflexão como parte do processo de formação dos envolvidos na ação pedagógica, para que os professores e demais educadores consigam reconhecer seus valores e percebê-los em seus comportamentos e

visão de mundo. Os professores precisam ainda valorizar e legitimar comportamentos diferentes dos seus, criando condições para esclarecimento, informação e debates de forma imparcial, sem imposição de valores (BRASIL, 1998). É essencial que as discussões em sala de aula possam ocorrer de forma a valorizar as diferenças, sem oprimi-las, pois, como enfatiza Louro (2000), a pedagogia da escola é muitas vezes sutil e discreta, mas em geral é eficiente e duradoura.

Conclusão

Frente a um cenário contraditório, temos hoje um polos com sujeitos que defendem o amor livre, o direito a escolha de suas identidades sexuais e de gênero, que são contra a definição binária de gênero, e outro polo com pessoas homofóbicas, pessoas que pregam a violência contra determinados grupos, que são regidas pela heteronormatividade. Temos também pessoas que transitam entre os dois polos, que defendem alguns pontos e são contra outros. Existem, nestes “meios-termos”, pessoas que muitas vezes estão passando pelo processo de desconstrução dos preconceitos, processo este que deve ser constante e por tempo indeterminado, para que haja sempre a derrubada dos preconceitos e construção de um pensamento mais igualitário em relação aos direitos das pessoas, sem ignorar a originalidade de cada um.

É necessário que trabalhemos em busca da aceitação das diferenças e do respeito independente de identidade sexual ou de gênero. Faz-se essencial o diálogo e a reflexão destes assuntos sob diferentes óticas, buscando sempre o entendimento de que o ser humano é livre e deve ser respeitado em suas diferentes escolhas.

Sendo a escola um local de aprendizagem em que é possível discutir assuntos de forma contínua e prolongada, podemos considera-la como um local ideal para a discussão de temas como sexualidade e gênero, pois nela é possível que os preconceitos sejam desconstruídos ao longo do tempo, com um trabalho contínuo e intenso por parte da equipe pedagógica. A escola deve dialogar com as famílias, sendo complementar às mesmas, sem o intuito de ignorá-la ou passar por cima de seus valores. Um trabalho de Orientação Sexual adequado deve ser feito em conjunto pela família e pela escola, em prol da derrubada de tabus e desconstrução de preconceitos, além da promoção da saúde

dos adolescentes e prevenção de doenças, gravidezes indesejadas ou abuso sexual. Nestes termos, Seffner (2013) nos lembra que é essencial lutarmos contra a ideia de que a menção a homossexualidade (e incluo aqui outras identidades sexuais) vá encorajar estas práticas e que sem esta informação as pessoas serão, necessariamente, heterossexuais: estas crenças podem resultar em heterossexualidade compulsória, homofobia e misoginia. Daí a importância de se discutir estes assuntos nas escolas, com o intuito de derrubar preconceitos e promover esclarecimentos acerca destes temas.

Como observam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), as abordagens acerca da sexualidade precisam ser claras, de forma simples e direta, amplas, para abranger toda a complexidade do assunto, flexíveis, para que permitam o atendimento a diversos conteúdos e situações, e sistemáticas, para que possibilitem aprendizado e desenvolvimento. Assim, por meio do diálogo, da reflexão e da reconstrução de informações o aluno conseguirá definir suas concepções e princípios, construindo seus próprios valores (BRASIL, 1998).

Nestes termos, é essencial nos preocuparmos com a formação e preparo dos educadores, estimulando-os, orientando-os e, principalmente, apoiando-os, para que os mesmos possam desenvolver um trabalho de debates e reflexões junto aos alunos. É importante que a escola promova projetos de Orientação Sexual continuados, com promoção de conhecimentos, saberes e discussões, permitindo que professores e alunos definam valores bem fundamentados e pautados no respeito e empatia.

Referências Bibliográficas

ALEGRETTI, L. e OLIVEIRA, L. **Comissão aprova definição de família como união entre homem e mulher.** G1 [Brasília], 24 setembro 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/09/comissao-aprova-definir-familia-como-uniao-entre-homem-e-mulher.html>>. Acesso em: 20/11/2015

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 83-112

BUENO, Silveira. Silveira Bueno: **minidicionário da língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 2000.

CHAER, G., DINIZ, R. R. P., & RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário em pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

Em sessão tensa, vereadores aprovam retirada de questões de gênero e sexualidade do PME. Sul21 [Porto Alegre], 25 junho 2015. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/em-sessao-tensa-veredores-aprovam-retirada-de-questoes-de-genero-e-sexualidade-do-pme/>>. Acesso em: 20/11/2015

FERREIRA, A. B. H., Aurélio: **Minidicionário da língua portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J. F.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GALVÃO, L. e DIAZ, J. **Saúde sexual e reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios.** São Paulo: Editora Hucitec/ Population Council, 1999. (Saúde em debate, 125)

HARGREAVES, A., EARL, L. e RYAN, J. **Educação para a mudança: recriando a escolar para adolescentes.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (org.) **Saúde e sexualidade na escola.** Porto Alegre: Mediação, 1998. p.85-96

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.7-34

LOURO, G. L.; FELIPE, J. F.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

ROCHA, M. C, FARIA, D. G., e MYOTIN, E. Corpo Jovem: o que a escola ensina? **Revista Ponto de Vista**, v. 4, p. 49-63, 2007.

SEFFNER, F. A produção da diversidade e da diferença no campo do gênero e da sexualidade: enfrentamentos ao regime da heteronormatividade. In: BLOS, W. & BILA, F. P. **Diversidades e Desigualdades na contemporaneidade**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 63-82

APÊNDICE A – Questionário respondido pelos alunos

Trabalho de Conclusão de Curso: **Sexualidade e gênero na sala de aula:**

Abordagens didáticas e discussões.

1) Nos Parâmetros Curriculares Nacionais é sugerido que a temática da **Sexualidade** seja trabalhada como um tema transversal. Diante disso, em qual/quais disciplina/disciplinas você acha que esta temática deve ser abordada?

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| <input type="checkbox"/> Português | <input type="checkbox"/> Educação Física | <input type="checkbox"/> Língua estrangeira |
| <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Ciências | (inglês/espanhol) |
| <input type="checkbox"/> História | <input type="checkbox"/> Educação Artística | <input type="checkbox"/> Outra: |
| <input type="checkbox"/> Geografia | <input type="checkbox"/> Ensino Religioso | _____ |

2) De que forma(s) você acha que esta temática deve ser trabalhada na escola:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Dentro da sala de aula | <input type="checkbox"/> Palestras com convidados | <input type="checkbox"/> Trabalhos de pesquisa |
| <input type="checkbox"/> Palestras com professores | <input type="checkbox"/> Oficinas | |
| <input type="checkbox"/> Outra(s): _____ | <input type="checkbox"/> Rodas de bate-papo | |

3) Quais assuntos você acha que devem ser trabalhos dentro desta temática:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Gravidez | <input type="checkbox"/> Preconceitos | <input type="checkbox"/> Relacionamentos |
| <input type="checkbox"/> Contracepção | <input type="checkbox"/> Homossexualidade | <input type="checkbox"/> Relacionamentos abusivos |
| <input type="checkbox"/> Respeito ao corpo | <input type="checkbox"/> Bissexualidade | <input type="checkbox"/> Machismo |
| <input type="checkbox"/> Respeito à mulher | <input type="checkbox"/> Abuso sexual | <input type="checkbox"/> Feminismo |
| <input type="checkbox"/> Uso de drogas | <input type="checkbox"/> Aborto | <input type="checkbox"/> Adolescência |
| <input type="checkbox"/> Gravidez na adolescência | <input type="checkbox"/> Doenças sexualmente transmissíveis | <input type="checkbox"/> Mudanças no corpo |
| <input type="checkbox"/> Identidade de gênero | <input type="checkbox"/> Ciclo menstrual | |
| <input type="checkbox"/> Outra(s): _____ | | |

4) Qual seria o enfoque que você acha que deveria ser dado dentro desta temática?

APÊNDICE B: Questionário respondido pelos professores

Trabalho de Conclusão de Curso: **Sexualidade e gênero na sala de aula: Abordagens didáticas e discussões.**

Disciplina que você leciona:

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| <input type="checkbox"/> Português | <input type="checkbox"/> Educação Física | <input type="checkbox"/> Língua estrangeira |
| <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Ciências | <input type="checkbox"/> (inglês/espanhol) |
| <input type="checkbox"/> História | <input type="checkbox"/> Educação Artística | <input type="checkbox"/> Outra: |
| <input type="checkbox"/> Geografia | <input type="checkbox"/> Ensino Religioso | _____ |

1) Nos Parâmetros Curriculares Nacionais é sugerido que a temática da **Sexualidade** seja trabalhada como um tema transversal. Diante disso, em qual/quais disciplina/disciplinas você acha que esta temática deve ser abordada?

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| <input type="checkbox"/> Português | <input type="checkbox"/> Educação Física | <input type="checkbox"/> Língua estrangeira |
| <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Ciências | <input type="checkbox"/> (inglês/espanhol) |
| <input type="checkbox"/> História | <input type="checkbox"/> Educação Artística | <input type="checkbox"/> Outra: |
| <input type="checkbox"/> Geografia | <input type="checkbox"/> Ensino Religioso | _____ |

2) De que forma(s) você acha que esta temática deve ser trabalhada na escola:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Dentro da sala de aula | <input type="checkbox"/> Palestras com convidados | <input type="checkbox"/> Trabalhos de pesquisa |
| <input type="checkbox"/> Palestras com professores | <input type="checkbox"/> Oficinas | |
| <input type="checkbox"/> Outra(s): | <input type="checkbox"/> Rodas de bate-papo | |
-

3) Quais assuntos você acha que devem ser trabalhados dentro desta temática:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Gravidez | <input type="checkbox"/> Identidade de gênero | <input type="checkbox"/> Doenças sexualmente |
| <input type="checkbox"/> Contracepção | <input type="checkbox"/> Preconceitos | <input type="checkbox"/> transmissíveis |
| <input type="checkbox"/> Respeito ao corpo | <input type="checkbox"/> Homossexualidade | <input type="checkbox"/> Ciclo menstrual |
| <input type="checkbox"/> Respeito à mulher | <input type="checkbox"/> Bissexualidade | <input type="checkbox"/> Relacionamentos |
| <input type="checkbox"/> Uso de drogas | <input type="checkbox"/> Abuso sexual | <input type="checkbox"/> Relacionamentos abusivos |
| <input type="checkbox"/> Gravidez na adolescência | <input type="checkbox"/> Aborto | <input type="checkbox"/> Machismo |

- Feminismo Adolescência Mudanças no corpo
 Outra(s): _____

4) De que forma e qual o enfoque que você poderia dar para trabalhar esta temática na sua disciplina?

5) Você acha que auxiliaria seu trabalho de existisse uma Cartilha com sugestões de abordagem sobre esta temática?

- Sim, auxiliaria muito. Auxiliaria um pouco. Não auxiliaria

6) Leia as duas caixas abaixo:

Abordagem 1

Professor inicia a temática Sexualidade em sala de aula falando sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis, leva fotos de órgãos lesionados e procura chocar os alunos, pois para ele esta é a melhor forma de os adolescentes aprenderem a se prevenir.

Abordagem 2

Professor inicia a temática Sexualidade em sala de aula propondo uma "caixa de dúvidas", anônima, na qual os alunos colocam suas perguntas sobre o tema. Professor utiliza as perguntas para guiar sua aula, esclarecendo todas as dúvidas dos alunos sobre os diferentes assuntos dentro desta temática.

Qual das duas abordagens acima você acha melhor?

- Abordagem 1 Abordagem 2

8) Você acha que existe machismo/homens e mulheres são tratados de forma desigual em nossa sociedade? Justifique.

9) Homofobia é uma forma de rejeição total a pessoas homossexuais. O que você acha disso?

10) Relacione as colunas:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Homem heterossexual | <input type="checkbox"/> (1) Aceito/certo |
| <input type="checkbox"/> Mulher heterossexual | <input type="checkbox"/> (2) Não aceito/errado |
| <input type="checkbox"/> Gay | <input type="checkbox"/> (3) Indiferente |
| <input type="checkbox"/> Lésbica | <input type="checkbox"/> (4) Respeito, mas não quero próximo a mim |
| <input type="checkbox"/> Transexual | <input type="checkbox"/> (5) Outro: _____ |
| <input type="checkbox"/> Travesti | |
| <input type="checkbox"/> Bissexual | |

11) O que você acha que falta para que esta temática seja bem trabalhada junto aos adolescentes?

Anexo 1. Termo de Consentimento Informado dos Alunos



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Está sendo realizada nesta escola, com autorização da Direção, a pesquisa da acadêmica **Thais Solaro** (Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRGS) que tem como foco as aprendizagens relativas ao Corpo Humano (que ocorrem especialmente no 8º ano) no que diz respeito às abordagens acerca da Sexualidade e das Questões de Gênero. Este estudo, que será realizado em diferentes escolas da rede pública e privada de Porto Alegre, buscará identificar as abordagens didáticas e os resultados das aprendizagens acerca da temática Sexualidade.

O documento do Ministério da Educação e Cultura que orienta as ações curriculares nas escolas brasileiras aponta que as propostas de trabalho sobre estas temáticas devem procurar considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural (Parâmetros Curriculares Nacionais. MEC, 1998). Para conhecer o trabalho realizado nas escolas, a pesquisa terá como metodologia a coleta de dados realizada por meio de questionários aplicados a estudantes e professores do 9º ano do ensino fundamental.

Apenas as respostas dos questionários serão levadas em conta na pesquisa, cabendo mencionar que **nenhum nome de estudante ou professor participante da pesquisa será citado no trabalho e nem mesmo o nome da Instituição a qual faz parte**, seguindo regras de ética na pesquisa da UFRGS. Ainda assim, sua autorização é necessária para que o estudante sob sua responsabilidade possa responder ao questionário.

AUTORIZO que as respostas dos questionários sejam utilizadas na pesquisa acima apresentada.

Porto Alegre, ____ de setembro de 2015.

Assinatura do responsável pelo/a estudante



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Está sendo realizada nesta escola, com autorização da Direção, a pesquisa da acadêmica **Thais Solaro** (Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRGS) que tem como foco as aprendizagens relativas ao Corpo Humano (que ocorrem especialmente no 8º ano) no que diz respeito às abordagens acerca da Sexualidade e das Questões de Gênero. Este estudo, que será realizado em diferentes escolas da rede pública e privada de Porto Alegre, buscará identificar as abordagens didáticas e os resultados das aprendizagens acerca da temática Sexualidade.

O documento do Ministério da Educação e Cultura que orienta as ações curriculares nas escolas brasileiras aponta que as propostas de trabalho sobre estas temáticas devem procurar considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural (Parâmetros Curriculares Nacionais. MEC, 1998). Para conhecer o trabalho realizado nas escolas, a pesquisa terá como metodologia a coleta de dados realizada por meio de questionários aplicados a estudantes e professores do 9º ano do ensino fundamental.

Apenas as respostas dos questionários serão consideradas na pesquisa, cabendo mencionar que **nenhum nome de estudante ou professor participante da pesquisa será citado no trabalho e nem mesmo o nome da Instituição a qual faz parte**, seguindo regras de ética na pesquisa da UFRGS. Ainda assim, como participante deste estudo, sua autorização é necessária.

AUTORIZO que as respostas dos questionários sejam utilizadas na pesquisa acima apresentada.

Porto Alegre, ____ de setembro de 2015.

Assinatura do/a professor/a